

# O Ciclo Heiner Müller na Casa Conveniente

Rui Monteiro

>  
*Recordações de uma revolução*, a partir de *A missão*, de Heiner Müller, enc. Mónica Calle, Casa Conveniente, 2011 (Mário Fernandes, Mónica Calle e René Vidal), fot. Bruno Simão.



Por vezes, assistir a um espectáculo de teatro é como entrar na gruta do dragão sem escudo de amianto, nem lança de titânio, nem plano de retirada. Sabe-se mais ou menos ao que se vai, encontram-se métodos conhecidos, reconhecem-se sinais, mas não se escapa sem se ser lambido pelas chamas. Por isso, a indiferença não é uma possibilidade perante um espectáculo da Casa Conveniente, um desses dragões benignos que regularmente abrem a sua gruta para jogarem mãos cheias de interrogações. Porque é de interrogação, a começar logo pela dos próprios textos que trabalham, que se faz no Cais do Sodré aquele teatro íntimo, minimalista e um pouco iniciático.

No ciclo do ano passado dedicado à obra de Heiner Müller, tudo começou com *Anúncio de morte*, três solos a partir de originais do dramaturgo alemão: *Álbum de família*, releitura de *Máquina-Hamlet*, *Sete espelhos no quarto de dormir*, nascido de *Descrição de um quadro*, e *O passeio das raparigas mortas*, inspirado em *Anúncio de morte*.

Depois chegou *Recordações de uma revolução*, dramaturgia originária de *A missão*; mais tarde *Macbeth*, pelo meio, David Pereira Bastos interrompendo a sequência de encenações de Mónica Calle com *Titus: Laboratório de sangue*.

Bem se pode dizer que montar estas peças é participar de uma utopia sem devir, mas que ainda assim resiste. Pois apesar de tudo revelado e oculto, dito ou intuído, iluminado e obscuro, o ambiente de "derrotismo construtivo" criado pelos espectáculos de Mónica Calle a partir do teatro de lúcida crueldade de Müller, inclui uma réstia de esperança. Se preferirem, uma vontade – não um desejo nostálgico – de dançar a revolução. Entrar na gruta do dragão é, afinal, partilhar um teatro atento à realidade e às suas complexidades e armadilhas. Um teatro disponível para se interrogar tanto como questionar os outros, consciente da necessidade de repensar ideias e práticas, traduzindo em acção um desejo de intervenção e cidadania.



< >  
v

*Recordações de uma  
revolução,*  
a partir de *A missão*,  
de Heiner Müller,  
enc. Mónica Calle,  
Casa Conveniente, 2011  
(< Mário Fernandes;  
> René Vidal  
e Mónica Calle;  
v Mário Fernandes,  
Mónica Calle  
e René Vidal),  
fot. Bruno Simão.



Diz a Teoria do Caos que a natureza encontra sempre uma maneira de prevalecer, resistindo e sobrevivendo seja qual for a dimensão da catástrofe. Pois bem, a Casa Conveniente é a erva que desponta no meio do asfalto, como uma insurreição, entre o trânsito de imagens fúteis e de ideias parvas, recordando o essencial. Foi assim, mais

uma vez, em 2011, com o ciclo dedicado à obra de Heiner Müller, razão desta Menção Especial do júri da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. É assim ao longo do seu trajecto feito tanto de desejo como de indignação. De resignação, não.